

A parceria harmoniosa do México e BIRD

por Damian Fraser
do Financial Times

Quando o presidente Carlos Salinas de Gortari decidiu reformar as antiquadas leis agrárias do México, funcionários do seu Ministério da Agricultura procuraram seus amigos no Banco Mundial (BIRD) em busca de conselhos.

O BIRD produziu documentos sobre o assunto; o México respondeu. Anteprojetos de lei foram escritos e reescritos. Finalmente, uma emenda constitucional foi apresentada e aprovada no ano passado. As leis que a regulamentam foram promulgadas no final de fevereiro.

Esse tipo de colaboração íntima não provoca surpresa no México, hoje. O BIRD vem assessorando de perto os mexicanos em boa parte de suas reformas econômicas desde a década passada — na abertura comercial de 1985, no acordo da dívida de 1989 e agora na educação, agricultura e meio ambiente.

No último ano-fiscal, encerrado em 30 de junho, o BIRD aprovou mais empréstimos ao México do que a qualquer outro país. A quantia aprovada foi de US\$ 1,882 bilhão, muito mais que os US\$ 927 milhões aprovados para o Brasil, por exemplo.

(Ver gráfico)

O envolvimento do Banco no México começou na metade dos anos 80, quando o

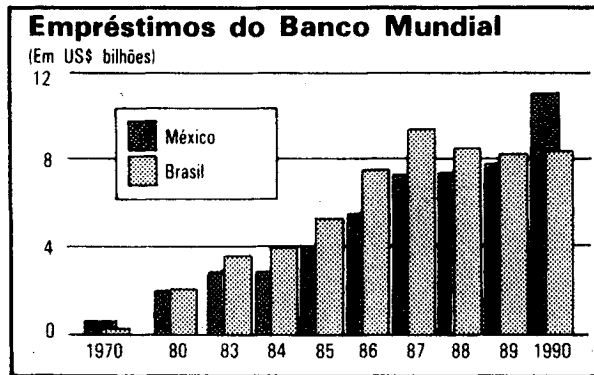
país passou a depender do dinheiro da instituição — sua maior fonte de capital externo. Do dinheiro derivou a assessoria. Em 1985, Fred Berger, então principal economista do banco para assuntos mexicanos, redigiu um memorando de cinco páginas que, de acordo com um funcionário do banco, “teve impacto substancial em ajudá-los a mudar sua política comercial”.

Pouco mais tarde, o México anunciou sua adesão ao GATT e recebeu três empréstimos de ajuste comercial, de US\$ 500 milhões, para facilitar a transição.

Mas o que aconteceu depois explica porque o Estado mexicano tornou-se o predileto dos economistas do BIRD (e de seu maior acionista, os Estados Unidos). O México reduziu suas barreiras comerciais muito mais do que o exigido pelo banco.

Como em outras áreas de política, incluindo a agricultura, a influência do Banco Mundial só se fez sentir porque o governo mexicano mostrou-se convencido de que tinha de levar adiante as reformas. Rainer Steckhan, diretor do departamento mexicano e centro-americano do banco, enfatiza que “foi um programa doméstico, esse é o segredo”.

Trabalhando juntos, o México e o Banco Mundial mostraram-se uma equipe



Fonte: BIRD

muito eficiente. O acordo da dívida externa de 1989 — que, em retrospecto, pode ser visto como crucial para a estabilização mexicana — era parte integral do plano de Salinas. Mas o Banco Mundial facilitou sua adoção.

Em junho de 1989, o banco — com forte apoio do Tesouro americano — aprovou três empréstimos de US\$ 500 milhões cada um em tempo recorde. Isso (mais empréstimos semelhantes do Fundo Monetário Internacional) foi realizado como grande demonstração de apoio ao México, diz um funcionário do banco, e como uma advertência aos bancos comerciais de que o México receberia empréstimos das instituições multilaterais ainda que estivesse atrasado nos pagamentos a eles. Com o acordo fechado, o banco criou uma linha de reforço de US\$ 2 bilhões para

apoiar a redução da dívida. E, durante o processo, muitas consultas de bastidores entre a equipe do banco e os mexicanos foram realizadas.

Desde então, o papel do Banco Mundial no México mudou, ainda que não tenha perdido importância. Em junho do ano passado, aprovou o que seria seu último empréstimo de ajuste ao México, para um projeto agrícola de US\$ 400 milhões. Esses empréstimos de ajuste são realizados para encorajar a reforma estrutural da economia, ou a reforma de setores específicos.

No futuro, o dinheiro do Banco Mundial estará vinculado a projetos, como a educação primária, esgotos, irrigação, saúde e outros. “Alteramos nossa ênfase”, diz Steckhan, “para atender às necessidades do México”.

O banco estará traba-

lhando com o governo em um programa de apoio ao setor agrícola, se, como é provável, forem removidas as barreiras à importação do milho como parte do acordo de livre comércio norte-americano. O banco destinará dinheiro — e conselhos — ao aperfeiçoamento da qualidade da terra por meio da irrigação e oferecerá ao mesmo tempo apoio financeiro aos fazendeiros mais pobres.

O papel ambiental do Banco Mundial é relativamente novo, refletindo alterações nas prioridades tanto do banco quanto do México, e não deixa de ser alvo de atritos. O serviço de planejamento ambiental da Cidade do México queixa-se sobre as montanhas de serviço burocrático que o banco exige antes de levar adiante um empréstimo. O banco por sua vez gostaria de usar mais mecanismos de mercado — como tributos sobre a poluição — em seu esforço para limpar o ar da cidade.

Ainda assim, o banco está prestes a aprovar um empréstimo de até US\$ 200 milhões para ajudar a Cidade do México a limpar seu ar, dinheiro que em parte será usado para financiar gasolina sem chumbo, novos ônibus e táxis e mais estudos técnicos.

O governo mexicano mostra-se compreensivelmente sensível às sugestões de que está marchan-

do sob as ordens do Banco Mundial. Angel Gurria, subsecretário de Finanças mexicano, reconhece prontamente que os economistas do banco podem ser influentes, mas só porque são técnicos capazes, frequentemente os melhores profissionais do mundo, segundo ele. Gurria diz: “Se você está convencido de que está fazendo o melhor, muitas vezes eles ensinarão como fazer melhor ainda”.

Mas acrescenta: “Não é crível que o Banco Mundial force o governo mexicano a fazer qualquer coisa”. Como Gurria lembrou, o banco pode fazer no máximo sete a dez empréstimos ao ano para o México, enquanto Gurria percebe que há dezenas de projetos que o banco gostaria de financiar.

Assim, se o banco recusa um projeto porque não gosta da política do governo daquela área, Gurria simplesmente oferece outro projeto, e assim por diante, até que os US\$ 2 bilhões em empréstimos visados sejam usados.

Uma razão mais importante é que o banco não precisa forçar o México a fazer nada; eles concordam em quase tudo. Gurria diz que os economistas do Banco Mundial e os funcionários mexicanos passam os fins de semana juntos discutindo questões de política. Muitos formaram-se nas mesmas universidades americanas, e são amigos.